

## MUSEU DA BARONESA: CONTROVÉRSIAS DA SALA DE COSTURA

Autores: Diego Soares – Pós-Graduação: Patrimônio Cultural  
Larissa Martins - Pós-Graduação: Patrimônio Cultural  
Úrsula Rosa da Silva – Docente Centro de Artes

Resumo: Este trabalho tem origens em estudos junto ao Pós-Graduação em Artes do CEART-UFPEL e tem como objetivo fazer um levantamento e analisar dados a respeito da sala de costuras do Museu da Baronesa, bem como das controvérsias que envolvem a sua existência – seu verdadeiro local na casa e instituição – e a sua apresentação, ou réplica, na atual exposição neste Museu. Pesquisas apontam as dúvidas sobre a existência desta peça e seu verdadeiro local na casa e instituição.

Palavras-Chave

Costura em Pelotas – Museu da Baronesa – Eulália Ávila

O Museu da Baronesa é a antiga residência da família Antunes Maciel. Viveram nesta casa, três gerações da família de Aníbal Antunes Maciel e Amélia Hartley de Brito, sendo que a última geração residiu na casa até 1950.

Até ser doada por Antunes Maciel, em 1978, a casa ficou abandonada e após quatro anos de reformas orientadas pelo artista plástico e restaurador pelotense Adail Bento Costa, o museu foi inaugurado em 25 de abril de 1982, e tombado como Patrimônio Histórico do Município em quatro de julho de 1985.

A chácara da Baronesa, como também é conhecida, possui aproximadamente sete hectares. A mansão possui 820 metros quadrados de área construída, onde 22 peças compõem os cômodos da casa.

Contudo, esta pesquisa tem o objetivo de investigar no Museu da Baronesa a existência de um local destinado a uma sala de costura da família.

Segundo estudos sobre o assunto, não se sabe ao certo, se a peça que existe atualmente ambientada no Museu, existiu de verdade ou seria um espaço montado para criar esta atmosfera feminina. Os profissionais do museu, não sabem ao certo, qual era o cômodo que poderia conter estes móveis e utensílios destinados à costura.

A sala de costura que atualmente está ambientada no museu, foi montada por Antônia Berchon Sampáio, que foi a responsável por grande parte

das mudanças e ambientação no museu, transformando em um ambiente diferente do que provavelmente era, como mostra o trecho abaixo:

[...] Ainda sob a influência de D. Antoninha, com projeto e montagem dela, foi organizada num ambiente abaixo do torreão uma sala de costura com as seguintes peças: armação de vestido; calça íntima; ferro de passar roupa; 2 máquinas de costura manual; máquina de costura com pedal; cadeira francesa, além de um grande armário de cor escura composto de duas partes, que foi mandado confeccionar pela organizadora da exposição, para compor o cenário. (LEAL, 2007, p. 53)

Segundo relatos de Nórís Mara Pacheco Leal, “a criação da sala de costura foi à última mudança feita por D<sup>a</sup>. Antoninha na exposição do Museu durante esta gestão;”<sup>1</sup> (LEAL, 2007, p.86)

Atualmente esta sala, como ilustra a (figura 01), esta representada no segundo andar do Museu (camarinha), entre o térreo o escritório do Barão (Torreão), onde logo na entrada do cômodo, existe um cartaz que diz o seguinte:

Local comum existente nos casarões da aristocracia do Século XX, onde as passadeiras e costureiras cuidavam das roupas de toda a casa. Rendas, tecidos e acessórios eram importados da Europa, assim como a moda. Neste local, as costureiras ajustavam o vestuário aos moldes da família (vestidos, saias, blusas, roupas de cama, etc.) (Cartaz – Museu da Baronesa – Sala de Costura, 2011)



Figura 01- Local que esta representada a sala de costura. Fonte: Acervo pessoal.

---

<sup>1</sup> Referente a gestão de Jacira Sousa Soares que assumiu a instituição dos anos de 1998 à 2000.

A última peça – torreão – era a biblioteca do Barão, que após a sua morte, em 1887, foi resignificada e transformada em uma sala para afazeres domésticos, atividades comuns na época.

Como o espaço descrito por *Del Priore*<sup>2</sup>, a biblioteca da casa ficava situada no segundo andar, entre o térreo e o escritório do Barão, localizado na camarinha. Esse espaço destinado exclusivamente aos homens foi resignificado com a morte do Barão, em 1887, passando a ser a sala de costuras, e a camarinha virou a sala de leituras e refúgio da Baronesa Amélia. (SCHWANZ, 2011, p. 66)



Figura (02) – Sala de costura.

Segundo uma exposição realizada no Museu em 2002, com divulgação do Diário Popular, diz o seguinte:

Como parte da programação de reestruturação do Museu da Baronesa, o torreão do casarão da Baronesa será aberto em uma mostra inédita, quando serão expostos desde as roupas de uso íntimo da família do Barão Antunes Maciel até as máquinas de costura e ferros de passar usados no tempo em que o piso intermediário da torre era usado como rouparia da casa. A residência, que foi habitada por três gerações da família nobre, já teve sua estrutura e uso modificados algumas vezes. "No período da baronesa, o torreão abrigou os livros de Amélia, mas o espaço já deu lugar a uma sala de costura e rouparia e até serviu de dormitório", exemplifica a diretora do museu<sup>3</sup>, Carla Gastaud. (Diário Popular, 2002)

---

<sup>2</sup> Mary Del Priore faz um vasto trabalho sobre as mulheres brasileiras.

<sup>3</sup> Diretora do Museu, de 2001 à 2004.

Segundo o dicionário eletrônico Mini Aurélio, considera-se torreão, uma torre, pavilhão ou terraço no ângulo ou no alto de uma edificação, ou seja, a peça mais alta da casa, como ilustra a (figura 03). Hoje está representada como sendo o escritório do Barão, e não mais como sala de costura e rouparia.



Figura 03 – Peça onde hoje é representado o escritório do Barão, mas que depois sua morte foi resignificada e transformada em sala de costura.



Figura 04 – Vista privilegiada do torreão.

Quando era sala de costura, esta peça era muito movimentada no período de carnaval, onde várias costureiras e vizinhas ajudavam na confecção de fantasias, como ilustra as (figuras 5 e 6).

No início do século XX, durante o período do carnaval, a sala de costuras ficava repleta de costureiras que trabalhavam, diariamente, na confecção de fantasias, primeiramente para Zilda Maciel e, por último, para Déa Maciel, em virtude de seus compromissos como rainhas do Clube Diamantinos. Sobre esse fato, Zilda relata: “ah, ela tinha um verdadeiro ateliê de costureiras, umas três, ou quatro ou cinco, conforme tinha lá umas vizinhas, não é. Cosiam tudo, ela fazia tudo pra nós”. (SCHWANZ, 2011, p.67)



Figura 05 – Déa Antunes Maciel posando para a foto – Carnaval de 1928. Acervo: Museu da Baronesa.



Figura 06 - Déa Antunes Maciel com sua roupa de Rainha do Clube Diamantinos. Acervo: Museu da Baronesa.



Figura 07 – Meninas com chapéu. Acervo: Museu da Baronesa.

Como afazeres de uma prendada mulher, deveriam saber costurar, fazer seu próprio enxoval e procurar estar na moda, mas sempre voltada para o lar, como era típico da uma mulher da época. “As mulheres pelotenses passavam quase todas as suas horas no enclausuramento dos sobrados, a fazer rendas e doces, a estudar piano e dança, a tomar lições particulares. (MAGALHÃES, M., 1999, p.49)

Quando não podiam comprar ou fazer, e precisavam adequar conforme o corpo, as costureiras faziam este serviço. Segundo Débora Clasen de Paula, no levantamento sobre as cartas da Baronesa, ela afirma que existia no museu uma costureira chamada D. Eulália, que costurava para toda a família. (PAULA, 2008, p.15)

A partir deste trecho, houve o interesse de descobrir mais informações sobre esta costureira, e pesquisando mais sobre o assunto descobrimos seus descendente, como Nara Botelho, bisneta, Beht e Yolanda, netas da costureira Eulália Robalo de Ávila (1872–1958). Foram elas que disponibilizaram informações sobre D.Eulália e colaboraram muito com o desenvolvimento desta pesquisa.

Seguindo os cadernos de anotações que existem no museu, sobre o que foi gasto no ano de 1897, consta o nome de D. Eulália e valor que foi pago por seu serviço, como mostra a (figura 08). Apenas cadernos desta data foram acessados, pois este levantamento, esta no início na instituição.

mDove		Pelo-tas	Hav...		
Abil	Transporte	106.319,260	Abil	Transporte	116.428
11	Flores	1,000	11	Ordemado L. criada Dina	25
"	Dores de confeitar	2,000	12	30 Fizes de baba	2
"	Forja as crivetas Girama	2,000	"	Com pata	
"	Distribuido pelo chinês	15,000	"	1 Capote p. Funchal	140
"	10 Cadeiras de alto encosto p. Eulália	15,000	17	100 Cadeiras de bamba	20
"	Pago a lavadeira, em casa	35,000	"	150m de renda	
"	1 Cadeira de madeira	1,000	20	1 Mt. de madeira (pinhos)	2
"	1 Pateo de lta	1,200	"	Batida	2
"	5 Cadeiras de pellenin	5,000	"	Concertissimo clipes de bamba	20
"	11/2 Mt. de pellenin	17,500	"	1 Guro p. Rubens	20
"	1/2 Duena de ovos	4,400	"	de de lousa	2
"	1 Garrafa de oleo de cozinha	1,000	"	Batida de Corvo	10
14	Costuras p. Rubens	5,400	21	Alum pata	1
"	Pago a D. Eulalia	3,000	22	Costuras de Rubens	5
"	1 Metro de renda	1,200	23	Lava papel e tinta	5
15	Concerto em casa	2,000	23	Pago de Loguinha	10
"	1 Pateo de alvenaria	2,000	"	5 Cadeiras de garrafa de enxada	10
"	Ordemado a D. Maria	20,000	"	Transporte	2
		116.476,760			116.750

Figura 08 - Caderno de gastos – 1897.

14	Costuras p. Rubens	54400
"	Pago a D. Eulalia	30000
"	1 Metro de renda	1200
		57400

Figura 09 – Detalhe que menciona o nome de D. Eulália – 1897.

Segundo Beht, Eulália costurou para a família por cerca de 24 anos e após ter uma doença que a impossibilitou de continuar prestando serviços a família, recebia um salário, uma especie de "aposentadoria".

D. Eulália e sua família eram pessoas muito queridas pela família da Baronesa. Em cartas que se correspondiam, sempre se tratam com carinho e preocupações. No ano de 1917, a Baronesa declara o seguinte:

*Declaro, que dei a D. Eulália Robalo Ávila, em recompensa aos seus bons serviços, uma casa junto à minha chácara, na estrada Domingos de Almeida, com 11 metros de frente e 20 de fundos, obrigando-me a passar escritura de doação, em minha volta do Rio de Janeiro. Pelotas, 23 de abril de 1917. ( Declaração – Baronesa de Três Serros. Acervo: Família Ávila)*



Figura 10 – Costureira D. Eulália com sua bisneta Nara Botelho.  
Acervo: Família Ávila.

Eulália teve uma filha chamada Celinda, que era carinhosamente chamada de Filhinha e que era muito amiga de Déa, neta de Baronesa, como ilustra a (figura 11). Tinham aproximadamente a mesma idade e segundo relatos das entrevistadas, elas dormiam juntas.



Figura 11 – Celinda (Filhinha) e Déa. Acervo: Família Ávila.

Em uma carta encaminhada por Mozart, neto da Baronesa, para Beth Ávila, em 1958, data de falecimento de D. Eulália, escreve o seguinte:

*Todos nós, aqui, também sentimos muito a perda da nossa querida D. Eulália, cuja boa e firme amizade nos acompanhou até o fim. Eu pessoalmente recordo-me muito bem da companhia que ela fazia à Vovó, no mirante da Chácara, que era a sala de costura, e onde as duas e mais a Mamãe, passavam os dias. Mozart (Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1958.) Acervo: Família Ávila*

A partir da pesquisa inicial realizada no Museu e a busca de outras fontes para o estudo, podemos chegar a conclusão que existiu uma peça de costura no museu, mas bem diferente da que existe hoje, e provavelmente em um local diferente. Tudo leva a crer que esta peça possa ter mudado de lugar durante algum tempo, mas pelas comprovações mostradas, pode-se observar que este local de costura localizava-se no torreão, parte mais alta da casa.

Esta pesquisa terá o intuito de introduzir o assunto, buscando mais confirmações sobre o tema.



## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

AURÉLIO. Mini Dicionário Eletrônico. **Torreão**. 2004. Português, correspondente a 7ª Edição.

LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins. **Museu da Baronesa: Acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal – 1882 a 2004**. Porto Alegre: 2007.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Pelotas. Armazém Literário, 1999.

PAULA. Débora Clasen de. **“Da mãe e amiga Amélia”: cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**. São Leopoldo: 2008.

RODRIGUEZ, Andréia da Fonseca. **Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição "Entre rendas, chapéus e boas maneiras", Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2009**. Pelotas: 2010.

SANTOS, Denise Ondina Marroni dos. **Moda, Museu e Memória: A Moda em Pelotas através dos têxteis do Museu da Baronesa**. Pelotas: XVI CIC, 2007.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. **A Chácara da Baronesa e o imaginário social Pelotense**. Pelotas: 2011.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das Roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

## SITES

DIÁRIO POPULAR. **“Cultura: Museu da Baronesa abre torreão e prepara novidades para este mês”** Disponível em: <[http://srv-net.diariopopular.com.br/06\\_04\\_02/ac050404.html](http://srv-net.diariopopular.com.br/06_04_02/ac050404.html)> Acesso em: 05 de jun. de 2012.

**MUSEU DA BARONESA.** Disponível em:<<http://www.museudabaronesa.com.br/>> Acesso em: 10 de jun. de 2012.

### **OUTRAS FONTES DE PESQUISA**

- Entrevista com Nara Botelho (Bisneta da D. Eulália)

Data: 01/06/2012

Pelotas

- Entrevista com Beth Ávila (Neta da D.Eulália)

Data: 01/06/2012

Pelotas

- Caderno de Gastos – Pelotas, 1897. Formato Digital. Acervo Museu da Baronesa.

- Carta Mozart Antunes Maciel – Rio de Janeiro, 1958. Acervo Museu da Baronesa